



I Encontro Estadual de Monitoria do Alto Sertão Paraibano e o III Encontro de Monitoria do CFP/UFCG

A monitoria e a formação docente e profissional

PAIVA, M.R.F. et al. Metodologias ativas de ensino aprendizagem: revisão integrativa active. SANARE, Sobral, CE, v.15 n. 2, p.145-153, jun./dez. 2016.

PEREIRA, J. D. monitoria: uma estratégia de aprendizagem e de iniciação à docência. In: SANTOS, M. M.; LINS, N. M. (Org.). A monitoria como espaço de iniciação à docência: possibilidades e trajetórias. Natal: EDUFRN, 2007. p. 69-80.

ROCHA, E. F. Metodologias Ativas: um desafio além das quatro paredes da sala de aula. Página do ENPED, 15 abr. 2014.

ROCHA, H.M.; LEMOS, W.M. Metodologias ativas: do que estamos falando? Base conceitual e relato de pesquisa em andamento. In: IX SIMPED – Simpósio Pedagógico e Pesquisas em Educação, 2014.

SANTOS, L. R.; FUNGHETTO, S.S. Regimento da monitoria do Curso de Enfermagem. Brasília: Unieuro; 2006.

REFLETINDO A PRÁTICA DE ENSINO EM GEOGRAFIA REGIONAL: ALGUNS QUESTIONAMENTOS NA METODOLOGIA TRABALHADA

Francis Marley de Oliveira Albuquerque
Graduando em Licenciatura em Geografia na Unidade Acadêmica de Geografia do Centro de
Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), *Campus*
Cajazeiras – PB, e-mail: francisfratello@gmail.com
Adriana Silva Souza



I Encontro Estadual de Monitoria do Alto Sertão Paraibano e o III Encontro de Monitoria do CFP/UFCG

A monitoria e a formação docente e profissional

Graduanda em Licenciatura em Geografia na Unidade Acadêmica de Geografia do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus Cajazeiras – PB, e-mail: adrianass5.geo@gmail.com

Orientadora

Cícera Cecília Esmeraldo Alves

Professora na Unidade Acadêmica de Geografia do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus Cajazeiras – PB. E-mail: ceciliaesmeraldo@gmail.com

RESUMO

O presente artigo pretende dá ênfase nos aspectos da formação profissional como educador e na formação específica da ciência geográfica. Buscando identificar os aspectos relacionados à prática Geográfica na disciplina de prática em geografia regional. Considerando o momento histórico, político e social que o país vem atravessando diante das modificações do ensino, é importante ressaltar que o professor tenha uma visão crítica por parte da profissão e isso se dá através da sua prática. Sendo assim, é preciso aprofundar acerca da perspectiva dicotômica (teórica *versus* prática), que potencializam a indissociabilidade entre pesquisa Geográfica e o ensino de Geografia. O que nos leva a reflexão sobre a atuação das atividades Geográficas do professor de Geografia que possibilitam a investigação dos elementos que determinam o seu fazer, em *lócus*. Para buscar identificar a problemática dessa questão, esta pesquisa buscou como metodologia uma abordagem qualitativa, lançando mão das técnicas do Grupo Focal e entrevistas, não que elas não sejam importantes, mas para não fugir do intuito deste trabalho, que é compreender como a prática em sala de aula pode proporcionar ao discente/ monitor, perceber o ensino-aprendizagem com um olhar profundo para sua formação como cidadão e como isso reflete na atuação profissional.

Palavras-chaves: Prática de Ensino. Região. Metodologia de trabalho.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma reflexão sobre a prática educacional com relação à metodologia aplicada ao estudo da Geografia regional, conteúdos, e planejamento. A prática pode ser estruturada e orientada, combinando a didática e a metodologia para responder os desafios da geografia, ou seja, seus procedimentos e conteúdos devem adequar-se tanto à situação específica da escola quanto aos diferentes saberes do aluno, considerando que o planejamento da aula tem um caráter de grande importância.

O que percebemos na atualidade é uma constante transformação no processo da educação geográfica, sendo necessário trabalhar metodologias que unam a teoria e a prática



I Encontro Estadual de Monitoria do Alto Sertão Paraibano e o III Encontro de Monitoria do CFP/UFCG

A monitoria e a formação docente e profissional

colaborando na melhoria da aprendizagem. Não basta conhecer e dialogar as categorias geográficas, e aqui tratando da disciplina de Prática de Ensino em Geografia Regional e do Brasil é preciso conectar os diferentes espaços a realidade escolar e também universitária das mais diferentes regiões brasileiras.

Quando partimos do pressuposto de que a Geografia regional foi sendo desenvolvida, enquanto disciplina não desvinculada da filosofia das ciências da natureza e da matemática (CORRÊA, 2000), como de uma ciência de síntese, a qual fazia um apanhado das demais ciências para responder a busca do seu objeto. Diante do exposto deparamo-nos com um caráter descritivo das regiões por meio da utilização de estatísticas para explicar em números como se desenvolve determinada região, que muitas vezes dependendo da metodologia limita-se a uma “leitura de mundo” por parte dos discentes como monitores.

Na disciplina de Prática de Ensino em Geografia Regional, durante o período da formação docente, como discentes desta na Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, tivemos a oportunidade de poder elaborar metodologias visando promover aulas dinâmicas e menos enfadonhas, a prática do conhecimento geográfico produzido nas universidades necessita passar por diversas filtragens para que chegue até o aluno do ensino básico e se constitua em um conhecimento a ser ensinado. Contudo agora como monitores a pergunta que fica é se existe a melhor prática? É possível? Essas observações são pertinentes para o debate desta realidade com as discussões teóricas, das vivências e reflexões sobre o ensinar e aprender geografia no mundo contemporâneo.

Baseando-nos nas várias divisões do território brasileiro em regiões geográficas, uma das mais conhecidas é a divisão política administrativa oficial do Brasil constituída pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em cinco macrorregiões: Região Norte, Região Nordeste, Região Sudeste, Região Sul e Região Centro-Oeste. Outra divisão regional bem utilizada nas aulas é a divisão do País em três complexas regiões geoeconômicas, a Amazônia, o Nordeste e o Centro-Sul. Diante destas divisões que tipo de metodologia facilitaria o ensino e à aprendizagem do aluno e, como se daria essa prática voltada à formação docente? Quando partimos para a conceituação de região nos deparamos com o conceito de região homogênea, mas será que essa definição corresponde a divisão política



I Encontro Estadual de Monitoria do Alto Sertão Paraibano e o III Encontro de Monitoria do CFP/UFCG

A monitoria e a formação docente e profissional

administrativa, social, cultural e natural do Brasil?

Estes questionamentos são pertinentes, porque a maioria dos alunos quando vão trabalhar a questão regional e a divisão feita pelo IBGE, tem uma visão simplista de que realmente estas áreas são homogêneas, e dependendo da metodologia adotada nas aulas pode ser determinante para explicar as diversidades existentes nas diferentes regiões.

Portanto, queremos mais uma vez acrescentar que o nosso trabalho não objetiva estabelecer quaisquer parâmetros ou fórmulas referentes ao ensino da Geografia Regional. Logo o que não nos parece coerente, é que em um mundo em avançado estágio técnico, continuamos a planejar ensinar aulas, baseada apenas na descrição.

O artigo foi estruturado em seções, de modo a garantir o entendimento do tema proposto. Inicialmente será abordado o conceito de região. Na sequência foca-se nas metodologias e recursos didáticos, no qual para a geografia quais recursos e que tipo de metodologias seriam viáveis para formação do professor. Posteriormente, apresenta-se a necessidade de articular teoria e prática como reflexão crítica.

CONCEITO DE REGIÃO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

O conceito de região tem sido utilizado pelos diversos campos do conhecimento, mas as discussões sobre o contexto do ensino desse conceito têm sido um trabalho da Geografia, devido à região constituir uma das categorias de análise da ciência Geográfica.

Segundo Gomes (2000), o termo região deriva do latim *regio*, que se refere à unidade político-territorial em que se dividia o Império Romano. Sua gênese está no verbo regere, governar, dando significado à região com uma conotação de cunho político. Em suas ponderações sobre a temática região, identificou três domínios em que a noção de região veio sendo edificada: o domínio de conhecimento do senso comum, o domínio da administração e o domínio do conhecimento científico.

Neste contexto o domínio do senso comum corroborando com autor supracitado esta associada a questões de extensão e localização, desta forma região:



I Encontro Estadual de Monitoria do Alto Sertão Paraibano e o III Encontro de Monitoria do CFP/UFCG

A monitoria e a formação docente e profissional

pode ser assim empregada como uma referência associada à localização e à limites mais ou menos habituais atribuídos à diversidade espacial. Empregamos assim cotidianamente expressões como – “a região mais pobre”, “a região montanhosa”, “a região da cidade X” como referência a um conjunto de área onde há o domínio de determinadas características que distingue aquela área das demais. (GOMES, 2000, p. 53)

Com relação ao domínio administrativo a noção de região foi sendo utilizada no sentido de demarcação de limites administrativos. Gomes (2000) diz que o recorte regional tem sido um recurso importante para delimitar as abrangências dos Estados modernos na gestão do território, e também por muitas instituições e empresas de grande porte como estratégia de gestão dos negócios. O autor ainda reconhece que a Região não é uma exclusividade da Geografia, já que ciências de outras áreas tem se utilizado buscando certa regularidade das suas características. Conforme:

Nas ciências como a Matemática, a Biologia, a Geologia etc., a noção de região possui um emprego também associado á localização de um certo domínio, ou seja, domínio de uma dada propriedade matemática, domínio de uma certa espécie (...), ou seja área sob um certo domínio ou área definida por uma regularidade de propriedades que a definem. (GOMES, 2000, p. 54)

O conceito de região foi sendo constituído cientificamente no século XIX, período em que a ciência geográfica passou a ser institucionalizada, constituindo neste momento o conceito de região. Passando a ser elaborado pelas correntes geográficas do (determinismo e o possibilismo), constituindo até o momento presente como a linha tradicional da geografia. Nesse contexto dois conceitos de região foram edificados: o de Região Natural, regido sobre influência da concepção determinista e o de Região Geográfica que foi adotado pelo possibilismo. Diante das colocações destaca-se o conceito de região natural:

A região natural é entendida como uma parte da superfície da Terra, dimensionada segundo escalas territoriais diversificadas, e caracterizadas pela uniformidade resultando da combinação ou integração em áreas dos elementos da natureza. (CORRÊA, 2003, p. 23)

Na corrente Possibilista, o conceito de região era visto como região natural, mas



I Encontro Estadual de Monitoria do Alto Sertão Paraibano e o III Encontro de Monitoria do CFP/UFCG A monitoria e a formação docente e profissional

com a presença influente desta sobre o homem, sendo a natureza considerada como fornecedora de possibilidades, que o homem se utiliza para modificá-la. Assim sendo, o homem é o principal agente modificador geográfico. Nesse sentido,

A região geográfica abrange uma paisagem e sua extensão territorial, onde se entrelaçam de modo harmonioso, componentes humanos e da natureza (...) assim concebida e considerada uma entidade concreta, palpável, um dado com vida, impondo, portanto uma evolução e um estágio de equilíbrio. (CORRÊA, 2003, p. 28-29).

A nova geografia com as discussões acerca do conceito de região obedecem às críticas aos conceitos originados do determinismo ambiental e do possibilismo, aproximando-se de uma geografia econômica aplicada. Já na nova geografia, o propósito é que as regiões podem ser simples ou complexas, homogêneas ou funcionais, em que as regiões simples são originadas de um único critério ou uma única variável; já as regiões complexas levam em conta diversos critérios ou variáveis.

A Geografia crítica passa a se desenvolver durante as décadas de 1970 e 1980, tendo como base o materialismo-histórico-dialético de cunho marxista. Sendo fundamentada como um conjunto de lugares onde as diferenças internas entre esses lugares são menores que as existentes entre eles e qualquer elemento de outro conjunto de lugares (CORRÊA, 2003, p. 32).

Percebemos que o conceito de região tem se fundamentado através da homogeneidade e heterogeneidade espacial. Em que o aprendizado no Ensino Fundamental seja favorecido pela prática, na qual esta se adequa aos conhecimentos prévios do alunado e tenha como objetivo levar ao entendimento, que para se determinar uma região não bastam somente grandezas físicas do local, mas, além disso, diversos outros fatores que podem influenciar na regionalização de certo lugar (CASTROGIOVANNI, 2007).

No Brasil Corrêa (2005) propôs uma nova divisão regional em 1989²⁶. O grande problema que autor detectava em abordar a organização regional do país estava na grande dimensão territorial e, o complexo de diferenciação que envolvia o espaço e o tempo em

²⁶ Corrêa apresenta esta proposta em 1989 num artigo publicado na revista Geosul, ano 4, n° 8, também incluído no livro Trajetórias Geográficas, cuja primeira edição é de 1996. Para elaboração deste trabalho, consultamos a 3ª edição do livro, publicada em 2005.



I Encontro Estadual de Monitoria do Alto Sertão Paraibano e o III Encontro de Monitoria do CFP/UFCG

A monitoria e a formação docente e profissional

consonância com os processos sociais e econômicos. E isso motivou a divisão regional proposta por Roberto Lobato Corrêa nas três grandes regiões que se diferenciam entre si em razão de apresentarem: Distintas especializações produtivas, diferenças no modo e intensidade da circulação, consumo e gestão das atividades; Distintas organizações espaciais, ou seja, diferentes formas espaciais criadas pelo trabalho social em seu arranjo espacial. Conforme figura 1.

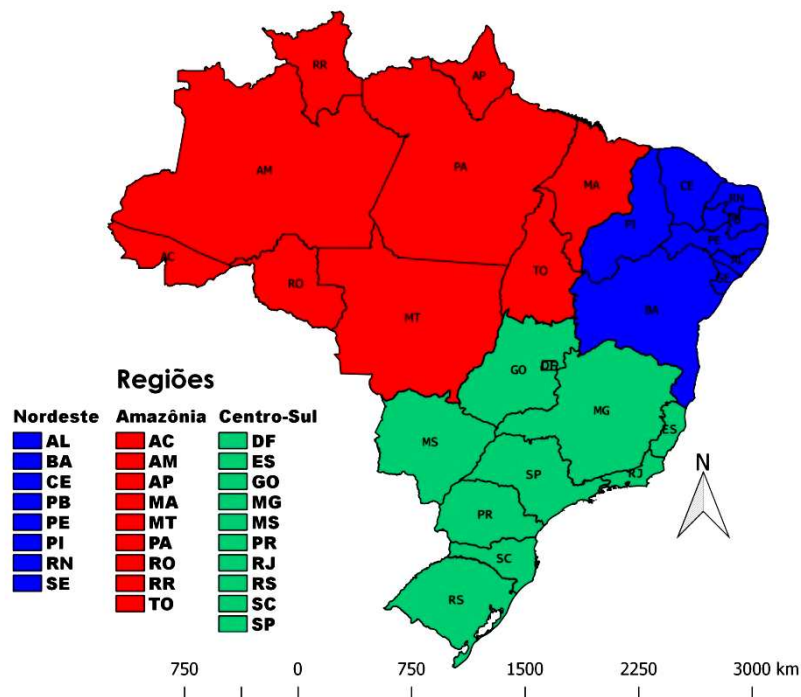


Figura 1: Regionalização do Brasil segundo Roberto Lobato Corrêa – 1989.
Fonte: CORRÊA, 2005 (Org.: Francis Marley de Oliveira Albuquerque)

As três grandes regiões representadas na figura 1 foram reconhecidas e caracterizadas, partindo de critérios selecionados, expressa em um modelo de divisão territorial de trabalho, atrelada á dinâmica de acumulação capitalista interna e externa e aos conflitos sociais, vinculada ao materialismo histórico.

METODOLOGIAS e RECURSOS DIDÁTICOS



I Encontro Estadual de Monitoria do Alto Sertão Paraibano e o III Encontro de Monitoria do CFP/UFCG

A monitoria e a formação docente e profissional

O presente trabalho consiste das observações realizadas nas aulas da disciplina de Prática de Ensino em Geografia Regional. Nossas reflexões nos direcionam a uma metodologia mais adequada para ser utilizada nas aulas de Geografia Regional, para que esta seja aprendida pelos estudantes do ensino fundamental e médio. Neste sentido, o objetivo é focar na importância da metodologia de trabalho através de aulas ministradas por discentes do CPF-UFCG, para que o futuro professor possa construir sua identidade profissional valorizando o educando enquanto ser social e valorizando-se como educador.

Durante os estudos e observações como discentes e agora como monitores nota-se a preocupação do futuro docente em realizar o estudo de cada região de forma individualizada, fragmentada, ao mesmo tempo em que se preocupa em buscar as relações existentes entre elas. Além disso, procura-se realizar a contextualização de cada região através do processo histórico do sistema capitalista, o que é pertinente e constitui um elemento importante no desenvolvimento das regiões pelo planeta.

Porém, não se detectou na maioria dos discentes o uso do livro didático, o qual não deve ser a principal ferramenta de trabalho do professor em sala de aula, contudo o livro didático deve ser o norteador na organização e planejamento da aula. Outra grande preocupação dos estudantes é com o planejamento das aulas, como também utilizar o pouco tempo para trabalhar o conteúdo, o que acaba prejudicando o desenvolvimento da aula, sendo de grande importância para a formação, outra observação vem do fato do pouco uso dos “Mapas”.

Acreditamos que a Geografia dispõe de uma variedade de recursos que não podem ser dispensados. Pelo fato desta ciência está sempre se renovando, a cada avanço da técnica, e é através das técnicas e recursos que a união entre a descrição e as relações, resulta na interação entre os homens e o espaço geográfico, fazendo uso de múltiplos recursos, como filmes, mapas, desenhos, músicas, etc. A metodologia a ser adotada aliada a estes recursos facilita muito na atuação do profissional em sala de aula, isso trará uma motivação tanto para os estudantes como para o professor.

Um episódio importante aconteceu em uma das aulas observadas, os discentes depois de explicarem algumas características das cinco regiões brasileiras proposta pelo



I Encontro Estadual de Monitoria do Alto Sertão Paraibano e o III Encontro de Monitoria do CFP/UFCG

A monitoria e a formação docente e profissional

IBGE, propuseram a criação de um livro didático feito pelos próprios alunos do fundamental, com a utilização de livros, revistas, recortes e impressões coloridas das cinco regiões do país. Mostrou-se ser uma metodologia diferente e inovadora, através de recursos fáceis de adquirir e também de manusear, promovendo uma aula divertida e de fácil assimilação dos conteúdos pelos alunos do ensino básico.

As opções do modo de ensinar a Geografia Regional dependem das ideias, condições “recursos” que a escola, universidade, faculdade dispõe, para que o professor possa produzir uma boa aula, como por exemplo: O uso do mapa, aula de campo, produção de maquetes, exposição de imagens.

Diante desta influência mútua, para Libâneo (2012, p. 1), “os elementos integrantes do triângulo didático – o conteúdo, o professor, o aluno, as condições de ensino-aprendizagem - articulam-se com aqueles socioculturais, linguísticos, éticos, estéticos, comunicacionais e midiáticos”. Devendo deste modo o professor adotar a melhor prática para que todos estes elementos se entrelacem de forma harmônica, de modo que o aluno possa assimilar as similitudes e diferenças entre as regiões do país, da sua região, do seu estado, do seu município e porque não do seu próprio bairro.

TEORIA E PRÁTICA, UMA ANALOGIA INDISPENSÁVEL.

Os educadores enquanto seres sociais e agentes transformadores da realidade quando realizam sua prática, precisam estar aliados a base teórica, a fim de se orientarem por ela. Concentrando as observações em sala de aula, evidenciamos diversas experiências, e na maioria delas ainda perdura o ensino “tradicional”, sem interação, sem a atenção em relação às experiências dos alunos. De acordo com Tardif (2007, p. 23):

[...] um professor de profissão não é somente alguém que aplica conhecimentos produzidos por outros, não é somente um agente determinado por mecanismos sociais: é um ator no sentido forte do termo, isto é, um sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo lhe dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber-fazer provenientes de sua própria atividade e a partir dos quais ele estrutura e a orienta.



I Encontro Estadual de Monitoria do Alto Sertão Paraibano e o III Encontro de Monitoria do CFP/UFCG

A monitoria e a formação docente e profissional

A renovação se torna quase um comprometimento no ato de se ensinar, o professor, deve ser um pesquisador, que sabe lidar com dados e conceitos erguidos através da sistematização, com ciência e através da teoria parti para a *práxis*. Assim,

A atividade teórica por si só não leva à transformação da realidade; não se objetiva e não se materializa, não sendo, pois *práxis*. Por outro lado a prática também não fala por si mesma, ou seja, teoria e prática são indissociáveis como *práxis* (PIMENTA, 2005).

A reflexão sobre a prática constitui-se em probabilidade para a busca de um trabalho em que comunga fundamentação teórica expressiva com a prática adequada, na perspectiva da educação de um profissional reflexivo, capaz de agir para o crescimento do meio em que vive, não apenas repetindo o conhecimento obtido na graduação, mas construindo esse conhecimento, na direção de postura político-ideológica consciente.

Não basta apenas pensar e refletir, é fundamental que toda reflexão leve o profissional a ficar atento a todos os aspectos da prática. Por isso,

A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. [...] O que se precisa é possibilitar, que, voltando-se sobre si mesma, através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua, percebendo-se como tal, se vá tornando crítica. [...] (FREIRE, 1996 p. 17-18).

A geografia tem a função de contribuir com a formação do cidadão, isso explica a presença da disciplina nos níveis fundamental e médio. Constituindo a prática de ensino em geografia fundamental na construção do currículo na fase de formação do professor de licenciatura em geografia, pois é a oportunidade de viver a experiência e realizar na prática o conhecimento.

As aulas propostas, trabalhadas entre professores e alunos, constroem geografia, conforme afirma Cavalcanti (2002):

Em suas atividades diárias, alunos e professores constroem geografia, pois ao circularem, brincarem, trabalharem pela cidade, pelos bairros, constroem lugares, produzem espaço, delimitam seus territórios: vão formando, assim, espacialidades cotidianas em seu mundo vivido e vão contribuindo para a produção de espaços geográficos mais



I Encontro Estadual de Monitoria do Alto Sertão Paraibano e o III Encontro de Monitoria do CFP/UFCG

A monitoria e a formação docente e profissional

amplos. Ao construir geografia, eles também constroem conhecimentos sobre o que produzem que são conhecimentos geográficos. Então, ao lidar com as coisas, fatos, processos na prática social cotidiana, os indivíduos vão construindo e reconstruindo uma geografia e um conhecimento dessa geografia. (CAVALCANTI, 2002, p. 33)

Para compreender um conteúdo o professor precisa estar bem preparado, na prática é o momento de se trabalhar os diversos conteúdos de forma aberta e objetivando chegar a um produto que é o desenvolvimento do aluno como cidadão crítico, que faz parte de um espaço que nele é atuante e transformador. Para tanto o aluno precisa estar atento aos conhecimentos com que o professor dialoga, pois muitas vezes o problema da não aprendizagem não é de responsabilidade do professor.

CONSIDERAÇÕES

A disciplina de prática em regional privilegia tanto como discente e como monitor em diversos aspectos, desde a construção e trocas de saberes diferentes, até a aquisição de experiências que possibilitam ao aluno-monitor seu enriquecimento curricular. O período de monitoria da disciplina de prática em regional traz um importante aprendizado, tanto pela oportunidade de rever os conteúdos, contrair novos conhecimentos, responsabilidades e ensaio de atuar no campo de ensino, estimulando a carreira docente, aproximando a relação docente-discente, e também nos auxiliam na melhoria da qualidade do método ensino-aprendizagem. Sentimos que obtemos os objetivos apoiados pela monitoria, tornando-se significativa e reflexiva, propondo uma auto avaliação de melhorias no que tange o ensino e a aprendizagem.

Essas experiências vivenciadas por monitoria e como também discentes da disciplina nos possibilitaram analisar a importância da ligação do ensino teórico com o ensino prático. Estas aulas envolvendo as práticas de Geografia Regional nos fazem perceber com bastante importância os diversos conceitos que vão transcorrendo pelas correntes geográficas e o quanto elas foram se complementando e o quanto se torna prazeroso entender como se deu a organização regional principalmente no Brasil. Isso permite aproximar o aluno as diversas



I Encontro Estadual de Monitoria do Alto Sertão Paraibano e o III Encontro de Monitoria do CFP/UFCG

A monitoria e a formação docente e profissional

realidades regionais, principalmente porque transcende o valor de títulos, manifestar-se o verdadeiro significado da docência. Portanto, é extraordinário o estímulo à prática de monitoria para os discentes, sendo eles monitores ou não, já que a aprendizagem é mútua e enriquecedora para ambos.

REFERÊNCIAS

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **Ensino da Geografia: Caminhos e Encantos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino/ Lana de Souza Cavalcanti**. Goiânia: Alternativa, 2002.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e Organização Espacial**. São Paulo: Editora Ática, 2003. 7ª ed. Série Princípios

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O conceito de região e sua discussão**. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C. & CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia: conceitos e teorias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

LIBÂNEO. José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990.

PIMENTA, Selma Garrido. **Professor reflexivo: construindo uma crítica**. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.